

## EDITORIAL

*Stela Saes*

*José Welton Ferreira dos Santos Júnior<sup>1</sup>*

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.147565

**A** questão do Cânone vem suscitando muitos debates no âmbito dos estudos literários. Sob uma perspectiva revisionista, as listas de autoras, de autores e de obras consagradas têm sido confrontadas em sua constituição e permanência. O discurso contestatório, na maioria das vezes, tem sido acompanhado da crítica aos conceitos mobilizados para a valoração e hierarquização entre textos, problematizando as estratégias que defendem o discurso da supremacia estética de alguns textos e autores. Nesse sentido, torna-se urgente uma abertura, em termos metodológicos, teóricos e analíticos, que invista nas complexas relações entre autor, obra e leitor, considerando as forças históricas que se organizam para a consagração de alguns nomes no cenário literário e cultural.

Tendo em vista a complexidade do debate, tanto a historiografia literária quanto a crítica, a escola, as academias

---

<sup>1</sup> Os editores são alunos de pós-graduação do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

de letras e a Universidade devem ser compreendidas como instâncias de poder que selecionam e definem um repertório cultural organizado em torno da ideia de cânone. Repensar o cânone no interior de tais instituições é, portanto, também repensá-las.

Deslocando a herança sagrada do conceito advindo da religião, os estudos literários contemporâneos - apesar de ainda lidarem com o conceito - interrogam a natureza daquele *corpus* e evidenciam as estratégias de silenciamento que inserem a literatura em um debate político mais amplo, no qual as representações literárias podem corroborar ou romper com os padrões dos grupos culturalmente hegemônicos.

Inserindo-se nesse debate, a Revista Crioula lança seu 21º número com o dossiê “*Cânone e silêncios: o (não) lugar das minorias na Literatura*”, composto por um leque variado de textos que coloca no centro da discussão as relações entre o cânone e as minorias sociais que hoje se apresentam nos contextos culturais dos países de língua oficial portuguesa.

No Artigo Mestre da presente edição, a professora e poeta Lívia Natália apresenta uma reflexão teórica acerca do já canônico conceito de “escrevivência”. Ao articular o conceito - concebido pela escritora Conceição Evaristo - com outros como “subalternidade” e “Literatura Menor”, Lívia Natália aponta para a potência teórica da “escrevi-

vência” na análise da produção da literatura brasileira de autoria negra, considerando a dimensão biográfica como investimento formal e político dessa produção. O texto torna-se ainda mais instigante se examinado diante da atual conjuntura literária e acadêmica do Brasil, diante da qual Evaristo acaba de se candidatar à Academia Brasileira de Letras, depois de sua obra ganhar prêmios, homenagens e o reconhecimento por importantes segmentos da crítica.

Os artigos que compõem o Dossiê colocam em evidência autoras, autores, temáticas e obras que instigam a reflexão e questionam a pretensa estabilidade do cânone. Dessa maneira, o discurso homoafetivo presente nas letras de rap ou em contos, a escrita de mulheres negras, aspectos da literatura marginal e periférica, o ensino de literatura afro-brasileira na escola, a presença da literatura indígena, entre outros, são alguns dos vieses que indicam agenciamentos discursivos que pretendem romper com o silenciamento histórico imposto às minorias sociais e suas representações simbólicas.

No diário acadêmico, intitulado “*Leite de peito e leite de pedra: uma USP feminina e negro-periférica*”, acompanhamos a narrativa de Maria Nilda de Carvalho Mota, Dinha, que, com extrema sensibilidade, revolve os retalhos de sua memória particular perfazendo seu percurso da graduação até a conclusão do doutorado. Suas memórias revelam uma profunda consciência social e política de sua

inserção como estudante mulher, negra e periférica e as especificidades de tal condição no contexto da Universidade de São Paulo. Ao definir sua trajetória singular, Dinha apresenta o modo especial como a literatura contribuiu para sua formação intelectual e pessoal, faces da mesma moeda unidas pelo relato sensível da escritora, professora e doutora, para quem a literatura parece fonte inesgotável de vida.

Temos, ainda, o prazer de apresentar a entrevista “*Por uma Herstory de cordel*”, com Jarid Arraes, realizada por Bianca Mafra Gonçalves, que aborda, entre outros temas, as relações entre o cordel, a cultura popular e o discurso feminista nos textos da escritora. Entre perguntas que inquiram dados biográficos e aspectos temáticos de sua obra, delineia-se um percurso singular como mulher e cordelista que a insere nos trilhos de outras autoras que se ocuparam de reescrever a história sob a perspectiva das mulheres.

Na seção de Resenhas, Bruna Escaleira salienta a contemporaneidade da obra *Camuflaxe* da galega Lupe Gómez, destacando o discurso acerca da condição histórica de invisibilidade imposta às mulheres e o papel da poeta na genealogia da escrita feminista galega. Rosana Rabello e Nvunda Tonet se debruçam sobre o livro *Fátussengóla: o homem do rádio que espalhava dúvidas*, de Daniel Gocian-te Patissa, escritor angolano cuja obra evoca uma série de

imagens da Angola contemporânea por meio de narrativas marcadas pelo experimentalismo formal - particularmente no diálogo da língua portuguesa com as línguas angolanas - sem perder de vista a capacidade sensível para captar imagens e movimentos do cotidiano de Benguela.

Na seção Poesia, Contos e Outras Prosas, o poema de Lígia Moscardini incorpora a pergunta no discurso poético, como signo de um tempo de incertezas, no qual o braço armado se lança como principal agente da violência em curso. A voz poética interpela seu interlocutor apostando na possibilidade da imagem poética despertar os fragmentos de humanidade que se escondem por baixo da farda e do autoritarismo. Os dois poemas de Ecila Lira de Lima Mabelini, em um jogo de palavras, atestam a existência de uma voz poética feminina que problematiza o universo simbólico do gênero. Em ambos, a fala de contestação assume um tom crescente que chega à afirmação peremptória e libertária do ser feminino. Para a prosa, a crônica de Francisco Neto Pereira Pinto traz um relato ligeiro e intenso da vida da personagem Pedro, que, tendo vivido na beira do Araguaia, acumula histórias de afeto e de abandono em relação a sua família. A experiência pessoal é liricamente revisitada, inserindo aspectos da desagregação social vivida pelo protagonista e seus desdobramentos subjetivos no centro da narrativa, entrecortada por versos que inscrevem outras temporalidades.

Os artigos e ensaios da seção revelam uma profusão de temas que se ocupam de analisar a produção literária de Angola, de Moçambique, Portugal e do Brasil, estabelecendo diálogos instigantes com outras artes, como a música e o cinema, e apresentando perspectivas críticas que destacam aspectos linguísticos, históricos e sociológicos na leitura de textos literários de diferentes épocas e contextos.

Diante desse universo variado de questões, desejamos que os diversos lugares aqui indicados fomentem ainda mais os debates em torno do cânone. Afinal, acreditamos que produzir conhecimento implica romper silêncios. Ao oferecer o espaço de enfrentamento do não lugar através da linguagem, ao nos voltarmos para as chamadas minorias, recusamos a perenidade dessa condição e reforçamos o convite constante ao exercício primordial de revisão histórica.

Desejamos a todas e a todos uma excelente leitura!